

ALGUMAS IDÉIAS PARA SE PENSAR A DISTINÇÃO "ORDEM/ORGANIZAÇÃO" PROPOSTA POR ENI E A NECESSIDADE QUE ELA POSTULA DE SE RE- TRABALHAR COM MAIS ÊNFASE A NOÇÃO DE "SOCIAL".

(Carolina)

A questão que se colocou na aula (em 13/agosto/93) é a de se haveria uma *ordem da língua* e uma *ordem do discurso*. Poderíamos pensar em duas alternativas.

Se pensarmos em '*ordem*' como *plano*, como *registro*, a resposta a essa questão será afirmativa. A língua e o discurso pertencem a planos diferentes: existiria, então, nesse sentido, uma ordem da língua (do significante, dos corpos, etc. --registro *imaginário*) e outra do discurso (do sentido, da Ideologia, do Outro, etc. --registro *simbólico*), com suas especificidades próprias e que não podem ser identificadas uma com a outra (e, ainda, uma *ordem natural*, inacessível, *ordem do impossível*).

Agora, se por '*ordem*' entendermos *conjunto de princípios, normas, preceitos, etc.*, que regem uma determinada realidade, deveremos falar em uma *organização (imaginária) da língua* e em uma *ordem (simbólica) do discurso*, pois os princípios que regem a língua não são linguísticos, pertencem a uma ordem 'exterior' a ela: o discurso ('*organização*', por outro lado, remete a *estruturação, disposição, sistematicidade*, etc., noções associadas à noção de *língua*).

A opção por uma ou outra resposta não parece ser muito simples. Mesmo por que deveria se pensar se ambas necessariamente se opõem e de que maneira (pois a própria expressão *ordem da língua* é 'ambígua' e permite uma 'passagem' entre ambas: *ordem linguística (significante)* --primeira interpretação-- ou *ordem à qual pertence a língua (e explica sua organização)*; o discurso --segunda interpretação).

Tentaremos discutir aqui a segunda alternativa, remetendo (parafraseando) os conceitos clássicos da AD a essa nova distinção proposta por Eni, entendida desta maneira. Não porque nos pareça a solução definitiva, mas apenas porque pensamos que ela pode ser produtiva no quadro dos conceitos da AD e porque a discussão e as 'paráfrases' a serem feitas podem servir para determinar o alcance e os limites dessa interpretação e para se pensar no assunto (e é este o intuito destas linhas, o de suscitar uma discussão).

Podemos dizer, então, que a *organização da língua é da ordem do discurso, que é a ordem do discurso (sentido --> história, ideologia) que determina como se organiza a língua (forma, materialidade)* --neste sentido, a *ordem da língua é o discurso* (o discurso ordena a língua, sua organização, como já dissemos).

(A *organização* --da língua-- constituiria a *realidade (material) imaginária da ordem simbólica (imaterial) do discurso*, parafraseando Foucault (II), que fala na '*materialidade do incorporal*' --em outras palavras, na '*positividade*' do '*negativo*').

Só que essa '*ordem*' determina essa '*organização*' mas, ao mesmo tempo, não pré-existe a ela --o *sentido* determina a *forma* mas não pré-existe a ela. A *ordem do discurso (se) materializa (n)a organização da língua* (é 'EXTERIOR' a ela mas *constitutiva* do seu INTERIOR e não existe fora desse 'interior').

Logo, só remetendo essa *organização* (língua) a essa *ordem* (discurso) é que essa organização pode ser explicada (e essa ordem pode ser reconhecida/analizada).

O **OBJETO** do analista do discurso seria, portanto, essa *ordem exterior* (do discurso) que (*só*) é reconhecível na *organização interior* (da língua). Esta última constitui seu material, sua **UNIDADE** de análise --relação que remete à distinção *texto --> discurso*, na AD (e que determina a diferença entre esta e a Linguística --a Linguística textual, neste caso específico):

UNIDADE --> OBJETO	
de análise	de análise
texto	discurso
textualidade	discursividade
'organização' textual	'ordem' discursiva

Nesse sentido, poderíamos dizer que tanto o *linguista* como o *analista do discurso* trabalham com o 'mesmo' material: a língua/sua organização (formal), mas o objeto é diferente: para o linguista, o objeto é a língua, sua *organização*, para o analista do discurso, o discurso, essa *ordem 'exterior'*, da qual essa *organização* formal da língua é *marca, sintoma*. (consequentemente, o modo de trabalhar com ela também será diferente --pois aquilo que para o linguista é objeto, a língua, para o analista do discurso é *pressuposto, lugar* onde se *materializa* seu objeto, o discurso, como afirma Pêcheux, III).

Isto é, o analista do discurso trabalha na *organização da língua (forma)* para reconhecer nela a *ordem do discurso (sentido --> história, ideologia)* e assim explicar a própria *língua (forma)*.

Retomando a afirmação de Eni (III: 116) de que a *AD* não é um mais um nível de análise da língua, mas um ponto de vista diferente de se trabalhar com todos os níveis, podemos dizer que o discurso não é mais um nível na *organização ('interior')* da língua, mas uma *ordem diferente ('exterior')* que a determina (determina essa organização, esses níveis) --e que, ao mesmo tempo, só existe nela/por ela¹:

- *ordem* que só se dá em/por essa *organização* (*discurso em/pela língua*)
- *organização* que só se explica em/por essa *ordem* (*língua base material do discurso*)

Poderíamos representar o que está sendo dito no seguinte quadro:

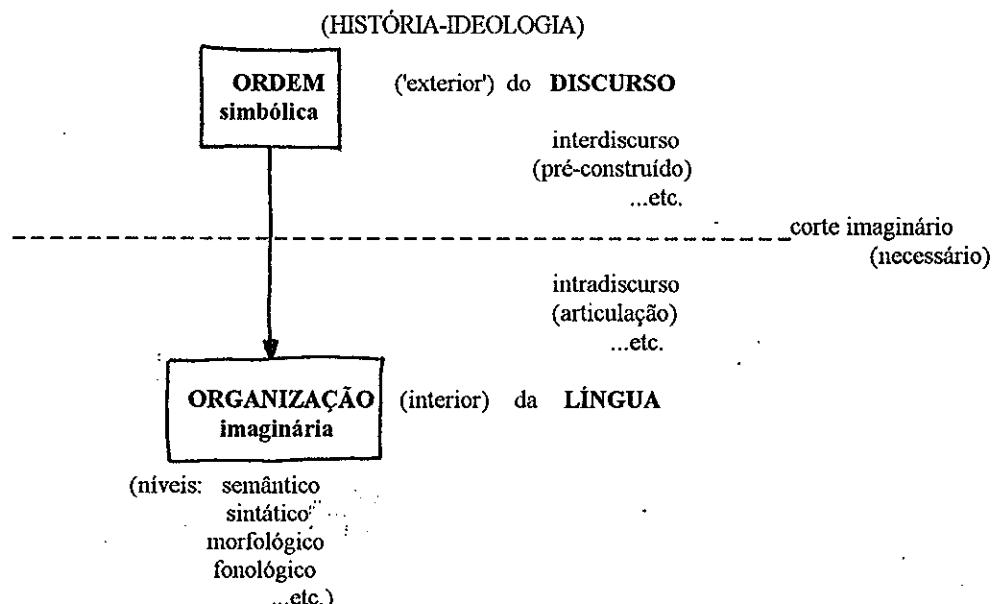
1 - Utilizando a mesma distinção, podemos pensar que, em Foucault (I), a *organização interior* de *Las Meninas* de Velázquez (disposição/postura dos personagens) está dada/determinada por/em uma *ordem 'exterior'* ao quadro (olhar de fora).

Trata-se de um *olhar de fora* (ORDEM 'EXTERIOR') que (só) pode ser reconhecido na disposição/postura dos personagens *dentro* (ORGANIZAÇÃO INTERIOR) do quadro

ou de uma disposição/postura dos personagens *dentro* (ORGANIZAÇÃO INTERIOR) do quadro que (só) pode ser explicada por/a partir do *olhar de fora* (ORDEM 'EXTERIOR').

i.e., ORDEM 'EXTERIOR' QUE ORGANIZA O INTERIOR / IMPRIME-SE NELE / NÃO PRÉ-EXISTE A ELE.

Poderíamos também pensar que a '*organização*' -*imaginária*- da *cadeia de significantes* que constitui o sujeito (Lacan) está determinada por uma '*ordem*' -simbólica- exterior (mas impressa nela): *o Inconsciente, o Outro*. Nesse mesmo sentido, Masotta (cf. XII) retoma a metáfora de Lacan do sujeito como um *livro* cujos *capítulos* estão *dispostos de acordo com um capítulo que 'falta'* --poderíamos parafrasear: '*organização*' imaginária do livro, '*conexão*' entre os capítulos determinada em/pela '*ordem*' simbólica '*exterior*' (Inconsciente, Outro), mas constitutiva dele. Se (ainda Masotta) '*o freudismo não é uma teoria sobre as funções do significado, mas sim uma teoria sobre as articulações do significante*', podemos dizer que o que '*articula*', '*conecta*', '*organiza*' o significante é essa '*ordem*' simbólica '*externa*'. (Esta definição permite pensar na psicanálise como disciplina de '*entreneios*', na expressão de Eni para a AD; a definição remete, ainda, à mudança operada na AD, apontada por Pêcheux e por Eni, da *função* para o *funcionamento* da línguagem.)

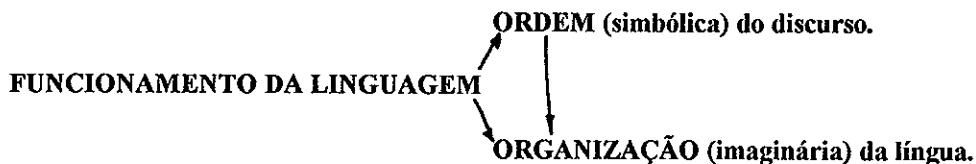


Para a AD essa linha apontada no quadro marcaria uma '*clôture*' (para utilizar o termo visto na aula)², uma *ilusão necessária*, um *efeito ideológico* para que a língua funcione: a *autonomia* de sua *organização interna* é apenas *relativa*, ela está inscrita numa *ordem exterior* que, porém, *não lhe é externa, mas constitutiva*.

Para a Linguística, como sabemos, esse 'corte' é absoluto, marca uma '*fermeture*', o que lhe permite analisar a língua como um sistema *formal* autônomo (do sentido --do sujeito da história). Isto é, a Linguística considera que a '*organização interna*' (*formal*) da língua é *independente* dessa '*ordem externa*' (*do sentido*); que essa organização resulta das relações *internas* entre seus elementos e que, por isso, pode ser analisada imanemente.

A AD, sem negar a realidade/efetividade (/positividade) da *organização* da língua, a *descentra*, ao remetê-la à *ordem* do discurso em/pela qual se explica. Retomando o que diz Eni (cf. VII: nota 1, p.14), que na AD não se fala na *organização da linguagem* mas no seu *funcionamento*, podemos dizer, dentro da interpretação que está sendo feita da distinção proposta entre ordem/organização, que na AD se pode falar em *organização da língua* e em *ordem do discurso*, e que é a *relação*, a *remissão* da primeira à segunda que *explica o funcionamento da linguagem*. Na AD seria então:

não '*organização da linguagem*' (Linguística) mas



Manter a distinção *ordem/organização* dessa maneira pode ser interessante para entender a 'lógica' dos outros conceitos da AD. Lembremos que na AD se critica, por exemplo, a noção de língua tal como tratada pela Linguística, mas nem por isso essa noção é dissolvida: ela é *descentralizada*, ao ser remetida a outra *ordem* (*o discurso*) para explicá-la, e esse descentramento, essa *remissão* a re-define.

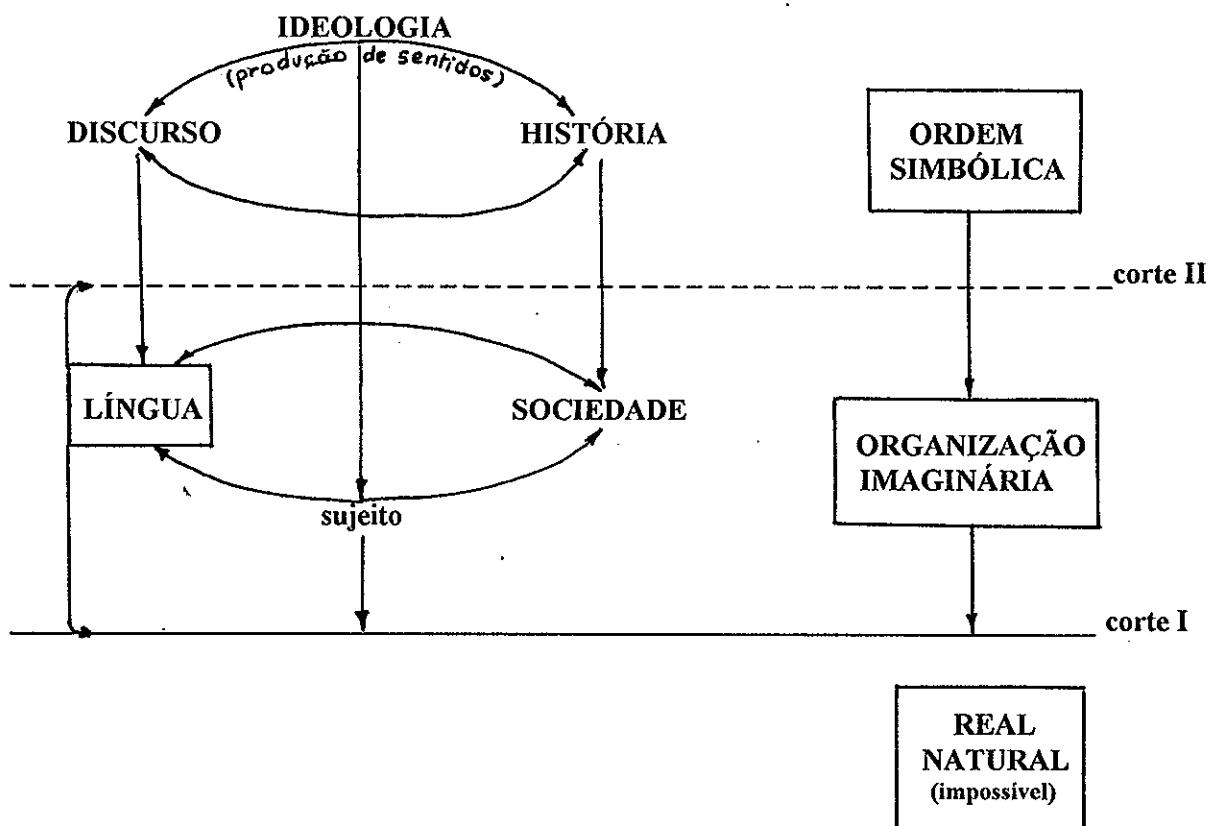
² Kitty propõe traduzir a distinção *clôture/fermeture* (utilizada por Marandin) por *fecho/fim* (de Solange).

Ainda mais, a noção de língua não só não é diluída como adquire na AD um estatuto inclusive mais 'importante', uma vez que não é mero 'veículo' de transmissão de sentidos (externos) por um sujeito (preconstituído) e sim o próprio lugar material em/pelo qual esses sentidos e esse sujeito se constituem.

Nesse sentido, a necessidade de criticar a noção de organização da língua tal como tratada pela Linguística não é motivo para abandoná-la (*esse* não pode ser o argumento, outros sim): é motivo, sim, para redefini-la, colocando-a no seu devido lugar (realidade imaginária/ilusória --porém necessária) e remetendo-a à ordem do discurso que ela materializa/pela qual ela se explica.

Lembremos que na AD é preciso evitar cair nas duas 'tentações' idealistas que aponta Pêcheux (VIII, IX, X) (já que a AD se pretende, justamente, uma teoria materialista): a do *logicismo* e a do *sociologismo*, ou, nas palavras de Eni, a do *formalismo* e a do *conteudismo*, que marcam a Linguística e as Ciências Sociais. E a única maneira de evitá-lo é a de *não diluir* nehum desses dois 'pólos' e trabalhar em sua *relação*, nas suas '*margens*', no seu '*entre-mídia*' (como diz Eni). Por isso na AD se trabalha na relação *língua-discurso, sociedade-história* (nesse sentido poderíamos pensar na relação *ordem-organização*).

Poderíamos, ampliando o quadro anterior, visualizar essas relações no seguinte esquema:



Tendo presente esse esquema, podemos pensar na necessidade que Eni postula de se re-trabalhar com mais ênfase a noção de '*social*'.

Assim como a *língua*, sua organização, constitui para a Linguística uma realidade autônoma (do discurso, da ideologia), poderíamos pensar que a *sociedade* constitui para a Socio (etno-, etc.) linguística, para a Pragmática, etc., uma realidade autônoma (da história, da ideologia). Lembremos que, ao mesmo

de maneira
tempo, língua e sociedade nesse quadro se constituem autônomas entre si, são realidades correlativas. O social, nessas disciplinas, está associado ao uso em contexto da língua, organizado por regras (conversacionais, etc.) impostas a ele pela sociedade, de acordo com a idade, sexo, classe social, etc., do sujeito que enuncia e com as características da situação concreta de enunciação.

A AD propõe o conceito de condições de produção para criticar essa visão redutora do social, sob a forma de contexto linguístico (imediato). Mas, é isso que me parece o mais importante no postulado de Eni, a noção de social, se a pensarmos em termos de situação 'concreta', de contexto imediato de enunciação, não deve ser dissolvida, ela deve ser trabalhada, re-definida, remetida às condições que a determinam (assim como a noção de língua é re-definida/remetida ao discurso que a determina).

Assim como a noção de língua adquire um estatuto fundamental na AD, como materialidade concreta do discurso, poderíamos pensar que o social constitui a materialidade concreta da história (junto com a língua) e que, por isso, seu estatuto deve ser re-considerado/re-valorizado. Para utilizar a distinção que vimos discutindo, poderíamos pensar que assim com a organização da língua (níveis, etc) está determinada pela ordem do discurso (da história, ideologia), a organização social (classes, divisões, etc) está determinada pela ordem da história (da ideologia, do discurso).

E é porque essa dupla determinação é uma determinação simbólica e a materialidade simbólica por excelência é a LÍNGUA ('nem linguagem, nem fala, nem discurso, nem interação...', mas a língua, como diz Pêcheux, XI: 55), que a noção de língua, tal como concebida na AD, têm um estatuto tão importante e uma opacidade que deve ser trabalhada, não só pelas disciplinas que se ocupam por explicá-la --Linguística, AD--, mas também pela psicanálise (que tenta explicar o funcionamento do sujeito) e pelas ciências humanas (que tentam explicar o funcionamento da sociedade e da história) --pois nela/por ela se materializa essa ordem do discurso, da história (Inconsciente, Ideologia) em/pela qual se constituem, conjuntamente (e não separadamente, como na Linguística), língua, sujeito e sociedade. Daí a 'trilogia' Marx, Freud, Lacan, e a importância da noção de língua de que fala Pêcheux, op. cit. Daí, também, a afirmação de Eni (IV) de que a AD (ao definir seu objeto, o discurso, e sua materialidade específica, a língua) se constitui como uma 'desdisciplina', que interroga à Linguística pela historicidade que ela apaga, e as Ciências Sociais pela transparência da linguagem sobre a qual elas se assentam (p.3).

Lembrando da discussão surgida na aula sobre se o discurso seria um objeto social, podemos dizer, tendo presente o quadro acima, que o discurso é um objeto histórico (ideológico) que se produz/elabora socialmente em/através de sua materialidade específica, que é a língua.

Isto é, se nem a organização da língua nem a organização social, nem o sujeito que fala essa língua e vive nessa sociedade, são autônomos, mas estão determinados numa outra ordem, essa outra ordem só se constitui em/a partir de uma situação concreta, através de um sujeito concreto e da organização concreta da língua. Pêcheux (VIII: 15-16), ao se referir ao conceito de condições de produção, diz:

(...) les processus discursifs (...) ne sauraient avoir leur origine dans le sujet. Néamoins els se réalisent dans ce même sujet (...).

(...) ce qui manquait [na AAD 69] e qui manque encore en partic, c'est une théorie non subjective de la constitution du sujet dans sa situation concrète d'énonciateur. Le fait qu'il s'agisse d'une illusion n'empêche pas la nécessité de cette illusion et impose comme tache au moins d'en décrire la structure (...) et peut-être aussi d'articuler la description de cette illusion à (...) l'oubli no. 1

Ele acrescenta, ainda, no final do mesmo artigo:

(...) sans autre <garde-fou> [resguardo, respaldo, ...] que la <méthode expérimentale> on tombe presque inévitablement dans la psychologie social des situations, et dans l'idéalisme qui en est corrélatif. (p.30).

É nesse sentido que podemos entender a necessidade de se re-pensar, de se trabalhar com as noções de língua (como postula Pêcheux) e de social (como postula Eni) pois é nelas, em/por sua realidade imaginária, que o discurso e a história (enquanto trabalho simbólico, produção de sentidos) se constroem. É a única forma de não se cair, como foi dito, no idealismo, sob a forma do que Eni chama a

'perfídia da interpretação', que define o discurso e a história (a ideologia) como 'conteúdos' externos à materialidade específica/concreta da língua e da sociedade e não como *mecanismos*, como *processos inerentes* a ela/construídos nela.

Isso vai ao encontro do que diz Pêcheux (XI: 56-7) a propósito da necessidade de se evitar o risco de apagar a realidade do acontecimento '*através de sua absorção em uma sobreinterpretação antecipadora*' da estrutura, da série na qual se insere e que o determina, risco de se pensar o discurso como uma *máquina sobre determinadora voltada para a repetição*. Para isso é preciso, diz ele, analisar o discurso como *estrutura (determinadora)* e como *acontecimento (concreto)*, pois se esse acontecimento está (pré)determinado pela estrutura, pelas redes de filiações que o precedem (memória histórica), ele é ao mesmo tempo o *lugar material* onde essas *redes se estruturam* e podem ser *desestruturadas-reestruturadas* (cf. Pêcheux, idem). O discurso é, continua Pêcheux, espaço de *repetição* e de *deslocamentos*; nas palavras de Eni, possibilidade de *paráfrase* e de *polissemitia*, e é esse *movimento de sentidos* que determina a *história* e o *funcionamento da linguagem*.

Pois se o *discurso* e a *história* determinam a *linguagem, o sujeito e as relações sociais*, eles só se constroem/são reconhecíveis/analisáveis em/apartir do trabalho imaginário de um *sujeito concreto*, em situações sociais concretas, em/pela materialidade concreta da língua, ainda que esse trabalho não se origine nele e escape ao controle de sua *consciência* e de suas *intenções*, pelo *duplo descentramento do inconsciente e da ideologia, materialmente ligados na linguagem*.

~~Retomando mais uma vez as palavras de Eni, é preciso evitar os riscos do formalismo e do sociologismo e trabalhar sempre nas linguagens, nos enunciados, onde os sentidos produzem seus efeitos (a constituição a história).~~

BIBLIOGRAFIA.

- I. FOUCAULT, M., *Las palabras y las cosas*. México, Siglo XXI, 1974 (1a. ed. francês), pp. 13-25.
- III. FOUCAULT, M., *El orden del discurso*. Barcelona, Tusquets Editora, 1980 (1a. ed. em francês 1970).
- IV. ORLANDI, E., *A Linguagem e seu Funcionamento*. Campinas, Pontes, 1987 (1a. ed. 1983).
- V. _____, 'Entremeio e Discurso'.
- VI. _____, 'O Lugar das Sistematicidades Linguísticas na Análise do Discurso'.
- VII. _____, 'Discurso: Dado, Fato, Exterioridade'.
- VIII. _____, 'Autoria e Interpretação'.
- IX. PÊCHEUX, M., 'Mises au points et perspectives à propos de l'analyse authomatique du discours', *Languages*, 37.
- X. _____, *Y a-t-il une voie pour la linguistique hors du logicisme et du sociologisme?* .
- XL. _____, *O Discurso: Estrutura ou Acontecimento?* Campinas, Pontes, 1990.
- XII. MASOTTA, O., *Introdução à Leitura de Lacan*. Campinas, Papirus, 1988 (1a. ed. em espanhol 1985).